

Objetificação e escrita: a quarentena de Alice rumo à subjetivação feminina

Objectification and writing: Alice's quarantine towards female subjectivation

Ana Maria Soares Zukoski

Doutoranda e mestra em Letras: Estudos Literários pela Universidade Estadual de Maringá – UEM. Aluna do Programa de Pós-Graduação Lato Sensu em Estudos Literários pela Universidade Estadual do Paraná – Unespar – Campus de Campo Mourão. Graduada em Letras Português/Inglês pela mesma instituição.

E-mail: aninha_zukoski@hotmail.com / anazukoski@gmail.com

Resumo: O presente artigo tem por objetivo apresentar uma análise interpretativa acerca do romance *Quarenta dias*, publicado em 2014, pela autora brasileira contemporânea Maria Valéria Rezende. A obra nos apresenta como protagonista uma professora aposentada chamada Alice, que, após ser objetificada pela filha, por conta de sua idade, empreende uma jornada linguística em busca de suas identidades e de sua subjetividade, utilizando-se, para isso, do processo de escrita. Sob a luz dos Estudos sobre Gêneros, buscaremos demonstrar como a escrita dessa personagem configura-se como um processo de subjetivação feminina, alçando a professora aposentada à categoria de sujeito de sua própria história. O estudo será alicerçado nos pressupostos teóricos da Crítica Feminista e da Literatura de autoria feminina, com pesquisadores/as como Rago (2014), Touraine (2010), Zolin (2009; 2019), Brandão (2006), Seligmann-Silva (2014), entre outros/as.

Palavras-chave: Literatura de autoria feminina. Subjetivação feminina. Escrita. Maria Valéria Rezende.

Abstract: This article aims to present an interpretative analysis about the novel *Quarenta dias* published in 2014 by the contemporary Brazilian author Maria Valéria Rezende. The novel presents us as a protagonist a retired teacher named Alice, who, after being objectified by her daughter, because of her age, embarks on a linguistic journey in search of her identities and her subjectivity, using the writing process for this. In the light of Gender Studies, we will try to demonstrate how the writing of this character is configured as a process of female subjectification, raising the retired teacher to the category of subject of her own history. The study will be based on the theoretical assumptions of Feminist Criticism and Literature of female authorship, with authors as Rago (2014), Touraine (2010), Zolin (2009; 2019), Brandão (2006), Seligmann-Silva (2014), among others.

Keywords: Literature of female authorship. Female subjectification. Writing. Maria Valéria Rezende.

1 Considerações iniciais

A relação entre mulheres e literatura só adquiriu contornos consistentes no Brasil com a criação de um grupo de trabalho, intitulado “A mulher na literatura”, formulado no círculo da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Letras e Linguística – ANPOLL. Schmidt (1999, p. 23) aponta a criação desse grupo de trabalho como um

gesto político “no sentido de reivindicar a visibilidade e a legitimidade da mulher como sujeito produtor de discursos e de saberes na leitura da produção, recepção e circulação de objetos literários”. Criado apenas em 1984, demonstra o quão recente é a luta pelo reconhecimento das escritoras brasileiras como mulheres que escrevem e que fazem disso uma profissão.

Moreira (2003), em *A condição feminina revisitada: Júlia Lopes de Almeida e Kate Chopin*, contextualiza as problemáticas enfrentadas pelas escritoras e salienta a importância de valorizar a literatura de autoria feminina: “salvar a memória literária das mulheres [...] através da valorização da mulher e suas obras, deram à crítica feminista uma consciência política, um sentido que ultrapassa a ortodoxia canônica dos estudos literários” (p. 22). A questão política está presente novamente, expondo as malhas de poder que cerceiam a relação mulher e literatura. Mesmo diante das barreiras encontradas, a literatura de autoria feminina vem “buscando um espaço, o reconhecimento no intra-muros do patriarcado, no universo institucionalizado do saber que elegeu o paradigma do masculino como o absoluto, o inquestionável, o todo poderoso” (MOREIRA, 2003, p. 22). A busca pelo reconhecimento gerou significantes frutos, pois, mesmo não estando estabelecida como a tradição literária de autoria masculina, a literatura produzida por mulheres conseguiu sua instauração.

Showalter (1985) buscou mapear a produção literária feminina inglesa e propôs a sua divisão em três fases: *feminine*, *feminist* e *female*. Na seara literária brasileira, tais fases ficaram conhecidas como feminina, feminista e fêmea. De acordo com Zolin (2019, p. 322), a primeira consistia na internalização e imitação dos padrões vigentes, isto é, dos paradigmas patriarcais. A segunda fase corresponde a uma perspectiva mais engajada, na qual as autoras utilizavam-se de sua produção estética para denunciar as violências que circunscreviam a condição feminina. Já na terceira fase, a fêmea, percebe-se uma mudança de paradigma, pois o foco de preocupação dos romances de autoria feminina deixou de trabalhar unicamente com as relações de gênero e começaram a apresentar uma nova representação feminina, livrando-se parcialmente do peso da tradição patriarcal. Apesar de não se tratar de estruturas rígidas, podendo uma mesma obra apresentar características das três fases, é imprescindível notar que a problemática da autodescoberta e a busca pelas identidades permeiam as obras contemporâneas.

Zolin coordenou uma pesquisa intitulada “Literatura de autoria feminina contemporânea: escolhas inclusivas?”, na Universidade Estadual de Maringá, em que catalogou os romances de autoria feminina brasileira no recorte temporal de 2000 a 2015, com restrição a três dentre as maiores editoras do Brasil: Rocco, Companhia das Letras e Record. A pesquisa empreendeu a metodologia de preenchimento de um questionário composto de doze etapas para cada uma dos protagonistas de cada romance: 1) dados básicos da obra; 2) dados sobre a autora; 3) dados básicos da personagem; 4) aparência e condições físicas da personagem; 5) educação; 6) trabalho e condições socioeconômicas; 7) crenças e opiniões; 8) sexualidade; 9) relações sociais; 10) espaço; 11) maternidade/paternidade e 12) outras características. Os resultados apontaram uma recorrência de obras que abordam, de alguma maneira, a questão da escrita, conforme demonstra a tabela a seguir.

Tabela 01 – Temática(s) dos romances

Temática(s) do romance	Freq.	%
Família	253	40,7%
Amor	183	29,4%
Identidade/construção de si	144	23,2%
Deslocamentos (exílio, imigração, diáspora, viagem)	142	22,8%
Memória	119	19,1%
Sexualidade/desejo	118	19,0%
Morte/doença	118	19,0%
Questões de gênero	102	16,4%
Literatura/metanarrativas	89	14,3%
Criminalidades/imposturas/violências/subversões sociais	86	13,8%
Questões sociais e ideológicas (classes)	66	10,6%
Questionamentos existenciais	61	9,8%
Amizade	50	8,0%
Questões étnico-raciais	45	7,2%
Questões políticas (ditaduras, democracias, socialismo, capitalismo)	34	5,5%
Identidade nacional	22	3,5%
Religiosidade/transcendentalismo	20	3,2%
Universo virtual	17	2,7%
TOTAL OBS¹.	622	

Fonte: Pesquisa Literatura de autoria feminina contemporânea: escolhas inclusivas?²

Esses resultados evidenciam que temáticas clássicas como amor, morte e família continuam presentes nos romances das escritoras. Entretanto, temáticas mais contemporâneas, como deslocamentos, identidade, construção de si, literatura e metanarrativas também estão presentes. Identidade e construção de si são consoantes com as características da terceira fase da ficção de autoria feminina, marcada pela autodescoberta. A temática 'literatura e metanarrativas' se manifesta de inúmeras formas nos romances contemporâneos femininos, como a relação com a literatura, apresentando nos romances escritores canônicos como é o caso de *Semíramis* (2014), de Ana Miranda que estabelece relações com José de Alencar; *Fernando Pessoa O cavaleiro de Nada* (2014), de Elisa Lucinda, que, como o próprio título ilustra, apresenta o escritor português como personagem; e *A fome de Nelson* (2005), de Adriana Armony, que retrata a vida do escritor Nelson Rodrigues. Outro contorno adquirido pelos romances que trabalham nesse limiar entre literatura e metaficção é o das/os personagens escritoras/es, que podem fazer disso uma profissão, caso dos romances *Por que sou gorda, mamãe?* (2006), de Cíntia Moscovich; *Aritmética* (2004), de Fernanda Young; e *A invenção do crime* (2010), de Leida Reis, que apresentam como protagonistas personagens que escrevem profissionalmente. No entanto, há os personagens que têm o desejo pela escrita, e sobretudo de escrever profissionalmente, mas ainda não conseguiram alavancar uma

¹ A quantidade de citações é superior à quantidade de observações devido às respostas múltiplas (3 no máximo).

² Devido não termos publicações com os resultados da pesquisa ainda, optamos por referenciá-la a partir do seu título.

carreira de escritor/a como acontece com *As netas da Ema* (2005), de Eugenia Zerbinì e *Dorme, querida, tudo vai dar certo* (2005), de Nilza Rezende.

A problemática da escrita também se materializa nas obras de autoria feminina por meio dos personagens. Ainda utilizando dados da pesquisa referida, verificamos que, de 34 personagens que escrevem, 18 são femininas, representando 53% do total. Focalizar a escrita, agora por meio das personagens, é algo significativo para a literatura de autoria feminina contemporânea, pois essa relação entre escrita e identidade, por meio da subjetivação feminina, da problematização do próprio ato de escrita ou da realização por meio da profissão de escritora, demonstra o quão significativa é a capacidade e a legitimidade de se poder escrever e, conseqüentemente, falar.

O fato de a escrita estar intimamente relacionada com a subjetividade a promove a um importante recurso nesse processo de construção de identidade. Touraine (2010, p. 47) destaca que a subjetivação não significa criar uma identidade feminina, “é, antes disso, de sua destruição que se trata, da destruição de toda imagem da natureza feminina ou de toda categoria de mulher definida por sua diferença ou por sua oposição com a categoria dos homens”. A subjetividade não está relacionada a uma identidade específica para as mulheres, caso fosse, a separação entre homens e mulheres permaneceria a mesma: “a construção de si pelas mulheres é fundada sobre aquilo que resiste à sua identidade social, [...] é assim que [...] vão se erguendo até chegar à afirmação de uma singularidade e de sua liberdade de escolher a própria vida” (p. 47). Desse modo, o autor lança luz no processo de subjetivação feminina realizado enquanto resistência daquilo que os outros, podendo também ser a sociedade, determinam que as mulheres devam ser. Esse processo tem início quando a mulher resolve assumir a postura/identidade de mulher e não renunciar àquilo que a constitui como sujeito perante as convenções e normas sociais.

De acordo com Brandão (2006), em *A vida escrita*, “a conquista da própria voz passa pela emergência de ritmos, pulsações que já estão aí, no batimento das pulsões, no compasso cardíaco que comanda a mão que escreve” (p. 13). A escrita possibilita, portanto, a conquista da própria voz, que está relacionada com os aspectos não apenas biológicos, mas também psicológicos, uma vez que a palavra tem o poder da construção: “escrevo para me reconhecer, para criar de dentro de meu vazio” (BRANDÃO, 2006, p. 14). É a partir dessa perspectiva de escrita, que esse artigo pretende versar, investigando como a escrita pode possibilitar a construção da(s) identidade(s) de Alice, protagonista de *Quarenta dias*.

Segundo Brandão (2006, p. 22), “o cristal das palavras é uma metáfora de Freud para dizer que a linguagem, como o cristal, tem uma estrutura também reveladora do sujeito”. É por meio das palavras que as personagens, nos romances de autoria feminina, têm a chance de buscar sua(s) identidade(s) e o reconhecimento de si mesmas e, a partir da escrita, alçar a posição de sujeito, abandonando a representação de mulher como objeto. Zolin (2009, p. 219) define a mulher-objeto “pela submissão, pela resignação e pela falta de voz”. O silêncio forçado das mulheres pode ser superado por meio da voz ativa, assim como pela escrita. Promover reflexões que iluminem a representação das personagens escritoras e a maneira pela qual a escrita afeta de forma positiva a trajetória delas é relevante para o estudo da literatura de autoria feminina contemporânea.

Bhabha (2014) discute o que ele denomina como ‘direito de narrar’. Segundo o pesquisador, “o direito de narrar não é simplesmente um ato linguístico, é também uma metáfora do interesse fundamentalmente humano de se libertar, o direito de ser escutado, de ser reconhecido e representado³” (BHABHA, 2014, n.p.). Colocar mulheres narrando suas histórias, nos romances de autoria feminina, nesse contexto, é significativo, pois demonstra não apenas o desejo das escritoras, mas que suas personagens também tenham voz. O direito de narrar ultrapassa a barreira da ficção com a literatura de autoria feminina contemporânea, e mescla a fronteira entre arte e vida, pois muitas mulheres encontram representação nas obras literárias. Esse direito de narrar compõe a metáfora da liberdade humana, conforme Bhabha (2014, n.p.): “liberdade de expressão é um direito individual; o direito de narrar, isto é, um direito *enunciativo*; dialógico no sentido de ser o ponto de partida e de chegada, de significar e ser interpretado, de falar e ser escutado, de dar sinais e saber que eles terão a devida atenção⁴”. Narrar não diz respeito a um dom ou ainda a um talento. Bhabha (2014, n.p.) expõe o lado político que o ato de narrar encobre e, mais do que isso, coloca-o como algo universal, uma prerrogativa que todos devem ter acesso. Assim como a literatura, o direito de narrar é algo que precisa ser democratizado, e a manifestação na literatura de autoria feminina, com personagens mulheres que se utilizam da escrita para delinear uma trajetória ascendente em sua autodescoberta, aponta para esse sentido.

Nesse contexto, podemos situar a escritora Maria Valéria Rezende, que nasceu em Santos, em 1942, graduada em Pedagogia e Letras Português/Francês, tem Mestrado em Sociologia e atuou na educação popular em diferentes regiões do país. Ademais, integrou a Juventude Estudantil Católica, foi freira e atuou politicamente, após o regime militar de 1964, abrigando em sua casa militantes que lutavam contra o regime instaurado no país. A escritora que, desde 1988 mora em João Pessoa, estreou tardiamente na literatura, em 2001, com o livro *Vasto Mundo*, hoje traduzido para a língua francesa. Seus romances *O voo da guará vermelha*, publicado pela editora Objetiva, em 2005, e pela Alfaguara, em 2014, e *Quarenta Dias*, publicado em 2014, pela Alfaguara, tematizam trajetórias de mulheres comuns, marcadas por histórias de abandono e desamparo, que, por meio da leitura e da escrita, fazem ouvir suas vozes. Devido ao curto espaço do artigo, focalizaremos a segunda obra, a fim de demonstrar que a escrita de Alice promove o florescimento da sua subjetividade e das identidades que melhor a representam.

³ Tradução nossa. No original em inglês: “The right to narrate is not simply a linguistic act; it is also a metaphor for the fundamental human interest in freedom itself, the right to be heard — to be recognized and represented”. Disponível em: <http://www.harvarddesignmagazine.org/issues/38/the-right-to-narrate>. Acesso em: 25 fev. 2019.

⁴ Tradução nossa. No original em inglês: “Freedom of expression is an individual right; the right to narrate, if you will, is an *enunciative* right — the *dialogic* right to address and be addressed, to signify and be interpreted, to speak and be heard, to make a sign and to know that it will receive respectful attention”. Disponível em: <http://www.harvarddesignmagazine.org/issues/38/the-right-to-narrate>. Acesso em: 25 fev. 2019.

2 A Alice escritora: relação de autodescoberta e (re)construção

Em *Quarenta Dias*, a professora aposentada Alice, obrigada pela filha a deixar a vida tranquila em João Pessoa para se mudar para Porto Alegre, acaba perdida na cidade e, em meio ao desespero e desamparo, resolve escrever, em um caderno pautado, com a imagem da Barbie na capa, sua busca exasperada na periferia da cidade por um filho de uma amiga, que não conhecia.

A jornada da personagem é encerrada quando, ao perceber que as ruas não poderiam lhe oferecer mais nada, ela traça outro objetivo para concluir sua marcha interior: “Pronto! Agora sim, eu podia voltar pro apartamento com um fito decente: ler todas aquelas tábuas de salvação” (REZENDE, 2016, p. 170). A narradora agarra-se às palavras para continuar o processo iniciado nas ruas. O novo propósito de Alice é coadunado ao primeiro, servindo como um encadeamento a fim de legitimar e concluir as transformações mais contundentes, promovidas pelos recentes deslocamentos pelas ruas da cidade.

O intuito de ler os livros é transformado em uma relação mais intensa com as palavras: “Entrei neste apartamento [...] carregando um furdunço no peito, sem saber onde despejar essa balbúrdia de imagens, impressões, sentimentos acumulados por quarenta dias, dei com o olho na Barbie e soube logo em quem vou descarregar tudo isso” (REZENDE, 2016, p. 13). Os deslocamentos provocaram uma confusão de fortes emoções, sendo necessário organizá-los, de modo a balancear os ganhos e as perdas, assim como as alterações que sua(s) identidade(s) sofreram. Ao visualizar o caderno, carinhosamente chamado pelo nome da boneca que ilustra a capa, Barbie, surge a ideia de escrever sobre sua quarentena.

De forma inconsciente, a narradora apegou-se a um caderno velho, recusando abandoná-lo e teimando em trazê-lo para o sul. Essa insistência pode ser interpretada como um vislumbre da personagem, que instintivamente percebe que as palavras lhe seriam úteis: “Sei, agora, por que cismeiei de trazer na bagagem este caderno velho vazio, trezentas folhas amareladas, com essa Barbie na capa de moldura cor-de-rosa, sabe-se lá de quem era nem como se extraviou na minha casa. [...] Cismeiei com ele e pronto. Porque eu quero!” (REZENDE, 2016, p. 7). O enredo de *Quarenta dias* não apresenta linearidade, por esse motivo, a narrativa inicia com Alice afirmando a importância que a escrita terá para ela ao longo de todo o romance, ou seja, ela havia mantido consigo o caderno por algum motivo, que mais tarde ela descobriria como a necessidade de escrever. O caderno foi uma das poucas coisas que a protagonista recusou sumariamente a deixar para trás. Ao impor sua vontade - ‘porque eu quero’- a narradora consegue eximir-se de dar justificativas, ainda não delineadas em sua mente, para levar tal objeto. Ela também não tem a recordação de tê-lo comprado nem qual a sua origem, mas agarra-se a ele como se, providencialmente, tivesse aparecido em sua vida: “sim, eu resisti até o fim, agarrei-me com o caderno como a uma boia. [...] O caderno veio na minha bagagem por pura teimosia, mas com um destino oculto, tábua de salvação pra me resgatar do meio dessa confusão que me engoliu” (REZENDE, 2016, p. 9). O caderno metaforiza o desejo de escrever, servindo como a materialidade que permitirá à narradora-personagem traçar as linhas constituidoras de sua subjetividade renovada. O ‘destino oculto’ remete à questão da necessidade de construir ou ainda reconstruir a sua vida, por isso o caderno

é comparado com uma ‘tábua de salvação’, isto é, o meio pelo qual ela consegue retomar a sua vida. O uso do verbo ‘resgatar’ também encaminha para uma semântica que remete a uma situação negativa, pois não há necessidade de resgate quando se tem conforto e plenitude. Assim, a escrita consegue salvá-la do controle social.

Cada capítulo do romance é principiado por uma epígrafe. Vamos considerar as epígrafes como uma espécie de estratégia que aponta para a importância que Alice atribui à escrita com vistas ao processo de subjetivação pelo qual a personagem peregrina. Para fins de elucidar a construção desse mosaico de vozes, elegemos duas epígrafes para serem analisadas. A primeira, de autoria de Marília Arnaud: “Não pergunte por que lhe escrevo. Escrevo porque as palavras estão aí, como a cidade, a noite, a chuva, o rio, diante de mim, dentro de mim, uma torrente de palavras que não me cumprem” (REZENDE, 2016, p. 7). Essas são as primeiras palavras da página que principia o romance. Apesar de não serem de autoria da escritora Maria Valéria Rezende, elas retratam as temáticas por ela discutidas, evidenciando, logo nas primeiras linhas, a importância que a escrita pode ter e sua possível relação com a interioridade, lembrando que nem toda escrita está alinhada com o processo de subjetivação.

Relacionado a isso, o ‘não cumprir’ está em consonância com as identidades contemporâneas, não passíveis de um fechamento conclusivo, sempre a devir, como um processo que é suscetível de encerramento. Ademais não há a necessidade de uma justificativa para escrever, pois as palavras pertencem ao mundo como qualquer outro elemento, natural ou construído pelo homem tendo a mesma importância. O poder das palavras é sintomático se pensarmos que elas não têm a capacidade de destruição como um tsunami, mas são passíveis de acabar com uma guerra. Dessa forma, as palavras dispõem de um poder de construção, e é a partir delas que Alice (re)constrói sua(s) identidade(s).

A segunda epígrafe selecionada remete à construção da interioridade humana: “Refazer-se exige passos vagarosos. Como qualquer ginástica que se preze, o esquecimento forçado é danoso se exagerarmos nos primeiros dias” (REZENDE, 2016, p. 127). De autoria de Rosa Amanda Strausz, a epígrafe está relacionada com o processo de subjetivação feminina, remetendo à ideia de processo e conseqüentemente de lentidão, por não ser algo pronto ou simplista. Ambas as epígrafes reverberam a trajetória de Alice.

Sua escrita não está preocupada com o interlocutor: “Ninguém vai ler o que escrevo, mas escrevo. É a única maneira de voltar inteiramente, se é que ainda dá [...] e quero mesmo é o manuscrito, deixar escorrer tudo direto do corpo pra caneta e pro papel” (REZENDE, 2016, p. 18). A escrita da personagem não dispõe de um caráter comercial, pois não tem um leitor ideal que direcione os passos a serem seguidos; na verdade, seu/sua interlocutor/a é ela mesma, que, por meio da escrita, ou da sistematização de suas andanças pelas palavras, constrói a si, por meio de um singular processo que só tem importância para ela. A ideia de que a escrita possa abrir as portas do retorno, ou seja, do ‘voltar inteiramente’, é questionada. A hesitação da protagonista elucidada a consciência de que não é mais a mesma, que as transformações são tão profundas que já é impossível retomar à(s) sua(s) antiga(s) identidade(s). O excerto lança luz ainda sobre o movimento da escrita, de dentro para fora, demonstrando que o ato de

escrever e a subjetividade, nesse caso, estão interligados, servindo à legitimação da(s) identidade(s) que melhor representam Alice.

O ato de escrever empreendido por Alice adquire contornos que possibilitam caracterizá-lo, como já dissemos, ao processo de subjetivação: “Contar a mim [...] o que me anda acontecendo [...] Uma fresta por onde respirar e deixar entrar alguma luz, voltar a pensar com certa clareza, reencontrar as palavras, minhas velhas ferramentas de trabalho” (REZENDE, 2016, p. 14). Ao escrever sobre si, Alice equipara efetivamente a sua escrita a uma ‘escrita de si’⁵, que, para Rago (2014, p. 52), “trata-se de assumir o controle da própria vida, tornar-se sujeito de si mesmo pelo trabalho de reinvenção da subjetividade”. Apesar de fugir e perambular durante tantos dias pelas ruas e alamedas gaúchas, é na escrita que ela consegue a plenitude de sua vida, pois é nessa que os contornos borrados dos deslocamentos adquirem contornos mais nítidos. Diferentemente do sentimento de angústia e de deslocamento vivenciados ao longo da sua peregrinação, a escrita possibilita tranquilidade à professora aposentada, o que sugere um processo de organização interior.

Seligmann-Silva (2014, p. 16) afirma que algumas mulheres recorrem “à prática da escrita de si para tentar se reinventar, costurando suas subjetividades a partir de suas trajetórias, conflitos, frustrações e vitórias, utilizando essa escrita como ferramenta política”. A visão do teórico ilumina a relação entre escrita e subjetividade, ideia defendida nesse artigo, sendo que a primeira legitima a segunda. A escrita da protagonista pode ser compreendida como essa tentativa de reinventar-se, visto que a sua subjetividade aflora a partir do momento em que a confusão de sentimentos vem à tona, sistematizados por meio da escrita. Assim, o movimento de dentro para fora acontece, sendo no papel registrado algo que não reflete meramente uma descrição dos dias pelas ruas de Porto Alegre, mas como esses dias ajudaram a professora a se (re)construir, compreender as relações abusivas de sua filha e perceber que a idade, de fato, não é um fator incapacitante para ela.

Rago (2014), suscitando as reflexões de Foucault na obra *Ditos e Escritos – vol. V – Ética, sexualidade, política* (2004) ressalta que “a ‘escrita de si’ dos antigos gregos ganha destaque como uma das atividades constitutivas das ‘artes da existência’” (RAGO, 2014, p. 50). O encadeamento entre essas duas esferas, escrita e vida, não corresponde a algo contemporâneo, remontando a um conhecimento que os gregos na Antiguidade dispunham. A primeira dispõe de uma grande influência na segunda, ou seja, a escrita colabora de forma significativa na construção da vida. Esses dois elementos estão relacionados com o processo de construção de si, pois “a identidade que as mulheres afirmam [...] não é somente a rejeição da dominação social; ela é, [...] a afirmação da experiência vivida da própria subjetividade que emergiu e [...] a confirmação da capacidade de pensar, de agir [...] por si mesma” (TOURAINÉ, 2010, p. 32). À vista disso, a escrita pode ser concebida como um instrumento que possibilita a efetivação dessa construção.

⁵ Segundo Araújo (2011, p. 12), “a escrita de si [...] não se trata de um gênero específico, com características ou qualidades bem definidas e rígidas, mas, antes, do caráter que esse texto assume”.

Por estar aliada aos sentimentos, a escrita de Alice adquire um caráter de voracidade: “E aqui estou vomitando nestas páginas amareladas os primeiros garranchos com que vou enchê-las até botar tudo pra fora e esconjurar toda essa gente que tomou conta de mim e grita anda pra lá e pra cá” (REZENDE, 2016, p. 13-14). A metáfora utilizada para descrever o fluxo da escrita denota a urgência, que assim como o vômito é praticamente impossível de conter. Tal aspecto deslinda o caráter terapêutico e catártico que a escrita possui para ela, uma vez que deseja, por meio das palavras, transferir o seu barulho interior para o papel e, dessa forma, superar aquilo que a incomodava.

Escrever, portanto, possibilita que o equilíbrio seja restaurado, daí a premência sentida pela narradora-protagonista. Ao utilizar os conhecimentos de teórico George Gusdorf, sistematizados na obra *Les écritures du moi* (1991), Rago certifica que a “decisão de escrever sobre si exprime um desejo de por em questão a própria existência, sob o efeito de uma necessidade íntima, de um desacordo do sujeito com a sua própria vida” (GUSDORF *apud* RAGO, 2014, p. 57). Tal postulado nos ajuda na tarefa de lançar luz sobre a condição de Alice, que está em situação similar, com a pulsão pela escrita, tencionando encontrar-se nesse processo. Em determinados momentos, ela oscila em relação à certeza da escrita como poder transformacional: “eu mesma não quero descansar, eu quero é entender ou desistir de entender de uma vez por todas. Escrever pra entender ou esquecer” (REZENDE, 2016, p. 45). A urgência de passar tudo para o papel, da forma mais rápida possível, ainda não foi superada, já que prefere abdicar-se do descanso merecido depois de tantos dias vagando para continuar escrevendo. A visão de Alice acerca da escrita é apresentada como ambígua: será a sua salvação ou a sua perdição, sem considerar a possibilidade de um meio termo. A confiança da narradora na escrita é abalada um pouco, talvez, devido à morosidade própria da natureza do processo. Entretanto, isso não desvanece seus planos, a escrita lhe fornecerá algum resultado, mesmo que negativo, o que implicaria outro processo, o de esquecer. Mesmo diante da dúvida, ela prossegue com o processo, sabendo que chegará a algum lugar.

Receosa de que não esteja se permitindo escrever o que de fato a incomoda, e assim não efetivar sua subjetivação, a protagonista-narradora resolve lidar com os sentimentos mais delicados por meio das palavras: “Deixe de embromar, Alice, confesse que o broto desse espinheiro que cresceu dentro de você foi a revelação do egoísmo da sua filha. Foi isso. Diga [...] o que você está sem coragem de dizer a si mesma. Diga” (REZENDE, 2016, p. 24). A escrita da personagem adquire outro *status*: o de exteriorizar sentimentos tão intensos que ela própria tem dificuldades de lidar com eles em sua interioridade. A escrita, nesse momento, alcança uma profundidade ainda não experimentada e ela se utiliza dela para enfrentar os seus problemas emocionais. Assumir e exteriorizar seu julgamento pela atitude da filha implica lidar com inúmeros conflitos, tanto sociais como pessoais e interiores. O núcleo da desestabilização da narradora é a consciência de que sua própria filha tencionou objetificá-la. É necessário todo o processo e, por fim, o recurso da escrita para que consiga expressar seus sentimentos. A objetificação e a busca pela subjetividade promovem a fragmentação da(s) identidade(s) de Alice.

Ao encarar esses sentimentos e decidir focalizar-se, a narradora-personagem vai ao encontro do que Touraine (2010, p. 42) explica: “Não se trata de egoísmo ou de

indiferença para com a situação dos outros, mas de uma vontade já transformada em atitude mais central à relação consigo do que a relação com os outros". Alice consegue superar o ideário de que a mulher, em especial, a idosa, precisa estar a serviço dos outros, cumprindo papéis familiares. Ao romper com esse paradigma, ela consegue estabelecer uma relação prioritária consigo mesma, passando a figurar como o centro de sua vida. Estabelecer-se como núcleo não implica um sentimento de egocentrismo, como bem pontuou Touraine (2010), mas buscar a libertação das amarras sociais que postulam o inverso é imprescindível para que o processo de subjetivação se efetive.

E Alice demonstra conseguir superar satisfatoriamente a questão do preconceito social que a impelia para o sentimento de culpa: "Foi bom botar pra fora essa coisa toda, dizer [...] o que tinha vergonha de dizer [...] vergonha de dizer o que minha filha fez comigo?, ou da minha raiva, do meu próprio egoísmo?, é egoísmo querer ter minha própria vida?" (REZENDE, 2016, p. 42). Assim, ela reflete sobre o processo de escrita e o avalia positivamente, percebendo em sua interioridade a sensação de leveza que agora a invade. Seus questionamentos explicitam a incoerência do pensamento público. As indagações de Alice retratam um posicionamento crítico e maduro sobre sua situação, compreendendo que não diz respeito a egoísmo priorizar sua própria individualidade. Tal mudança de postura espelha o florescimento da subjetividade da protagonista-narradora e, como consequência, uma visão que não mais aceita ser enredada pelas malhas de poder social.

Os escritos de Alice adquirem caracteres catárticos, porque conseguem expurgar os maus sentimentos, realizando um ritual de purificação: "Exausta mas contente porque sinto mesmo os restos da raiva escorrendo de mim pro seu papel, minhas ideias ordenando-se, eu lhe contando tudo mais ou menos com começo, meio e fim, ou fim, meio e começo" (REZENDE, 2016, p. 88). Além disso, o caos interior começa a ser substituído pela ordem. Contudo, essa ordem não é realizada de qualquer forma ou aleatoriamente; ao contrário, é a ordem que a professora definiu e está traçando em sua interioridade. O cansaço sentido remete à complexidade desse processo, pois não é uma escrita descomprometida com a realidade ou apenas para fruição. Por portar-se como uma escrita constituidora de si, o esforço apreendido é maior, contemplando a energia interior e exterior.

A empreitada da personagem ao aventurar-se pelo mundo da escrita reflete o denominador comum a algumas mulheres em semelhante conjuntura que "carregam dentro delas projetos positivos bem como o desejo de viver uma existência transformada por elas mesmas" (TOURAINÉ, 2010, p. 23). A recusa à objetificação, os deslocamentos espaciais e psicológicos pelas ruas da capital gaúcha e, por fim, a dedicação à escrita refletem esse 'projeto positivo' que Alice carrega no seu interior, desenvolvendo, ao longo de sua trajetória estratégias que permitissem a sobrevivência e, além disso, o desenvolvimento e a concretização dessa ideia.

Assim como havia acontecido nas ruas, na escrita, a narradora também começa a focalizar a sua representação: "Acabo de folhear seu caderno e dar uma lida em diagonal nas últimas páginas. Reparou que muitas folhas atrás parei de falar da minha filha?" (REZENDE, 2016, p. 143). Ao exteriorizar o espectro do controle social por meio da filha, ela sente-se livre e resolvida com esse problema e consegue seguir adiante, focalizando a sua reconstrução. Semelhante ao processo ocorrido na rua, a escrita potencializa essas

transformações, pois os deslocamentos não foram suficientes para afastar completamente o trauma sofrido, sendo retomado novamente no processo de escrita, como uma forma de superação definitiva.

As dúvidas quanto ao poder da escrita se dissipam, possibilitando-lhe adquirir o gosto por essa: “Estou ficando curada da maluquice só por escrever neste caderno? Eita, tratamento barato! Se o remédio é bom, vamos lá, continuar” (REZENDE, 2016, p. 91). Ela reconhece a informalidade de tal tratamento, distante das consultas tradicionalmente caras de psicólogos e psiquiatras, mas que proporciona a ela resultados efetivos de superação, pois, por meio da sua escrita, assinala sua diferença como fator determinante de uma subjetividade própria, que se afasta da postulada socialmente, uma vez que também não corresponde à representação social de mulheres da sua idade.

À medida que o processo de subjetivação é fortificado, a premência da escrita vai cedendo lugar para as atividades do dia a dia. A ausência é marcada na conversa com a boneca Barbie: “Pudera!, acho que desde que nos conhecemos é a primeira vez que passamos mais de vinte e quatro horas sem nos ver [...] eu é que vou me vendo, acho, aos poucos me vendo, revendo, esta Alice de agora” (REZENDE, 2016, p. 199). A ânsia pela escrita, manifestada no começo da narrativa cede lugar, aos poucos, para a reflexão da personagem, tal como sua interação com outras pessoas e a retomada da vida, saindo do resguardo pós-quarentena, que remete à gestação da(s) nova(s) identidade(s). A mudança de ótica da narradora-protagonista é expressa no modo como ela se enxerga, marcando a nova representação como ‘esta Alice de agora’. Tal expressão enfatiza as transformações psicológicas, que a afastam completamente da condição de objeto e denotam um processo de autoconhecimento.

Essa mudança de postura evoca o posicionamento de Touraine (2010, p. 43) de que “o mais importante não é que sua imagem de mulher tenha se transformado e tornado mais positiva, mas que as mulheres passaram da consciência de objetos à consciência de sujeitos”. Alice, com sua visão crítica, já estava consciente sobre a condição de objeto que havia lhe sido imposta. A resistência contra a opressão aconteceu de forma tardia, porém intensa, e viabilizou a consolidação das transformações. Assim, ela passou da condição de objeto para a consciência de sujeito de sua existência.

Depois de muito ter se dedicado à escrita, as preocupações da personagem começam a aproximar-se daquelas que tinha antes das transformações negativas ocorridas em sua vida: “Aqui, no seu caderno, eu paro agora, Barbie. Vou cuidar das urgências, da luta contra o caos material, que o outro caos, o de dentro da minha cabeça, já não me preocupa tanto” (REZENDE, 2016, p. 197-198). Isso denota uma retomada de uma vida tranquila, semelhante àquela vivenciada na Paraíba. O fato de o caos interior não ser mais motivo de tanta preocupação é justificado pela evolução do processo de subjetivação, pois ela agora já voltou a enxergar-se enquanto sujeito, abandonando completamente a representação engendrada por Nora, sua filha.

O livro é encerrado com sua decisão de parar de escrever: “Chega, Barbie, agora eu paro mesmo [...] agora vou te trancar numa gaveta, tu não leva a mal, tá?, não digo que seja pra sempre, quem sabe ainda reabro estas páginas, passo tudo a limpo” (REZENDE, 2016, p. 245). Tal deliberação possibilita a interpretação de que finalmente a narradora sente-se preparada para encarar a sua vida, incorporando na sua fala

linguajares característicos do Rio Grande do Sul, expressos na frase ‘tu não leva a mal, tá?’. Alice assume, dessa forma, uma postura ativa de sujeito de sua própria história.

O processo de subjetivação implica saber que “a consciência de si como sujeito é [...] um protesto contra o sistema dominante. A mulher, sobre a qual tantos serviços e deveres são impostos, rebela-se e luta para salvar a consciência que ela tem de si mesma” (TOURAINÉ, 2010, p. 39). O posicionamento do pesquisador ajuda-nos a iluminar a situação de Alice. A busca pela sua subjetividade marca a contestação do poder das malhas sociais, provando a fragilidade e a arbitrariedade do estereótipo da velhice, assim como a necessidade do controle de sua própria vida. A satisfação da protagonista em lidar com as palavras representa também o reconhecimento do poder que dispõem.

3 Considerações possíveis

A respeito da importância da escrita como modo de subjetivação, Brandão (2006, p. 28) relaciona-a à necessidade de reinvenção de si mesmo: “escrever [...] pode ser um esforço no sentido de inventar-se, de fazer um ato de nascimento, de fazer um eixo no mundo, em suas vidas, em sua dor, no lugar da perda, seja ela uma voz perdida, um amor real ou imaginado” Dispondo do poder de reinventar a trajetória feminina no romance das autoras contemporâneas, elucidamos a importância que o processo de escrita adquiriu, corroborando a construção das identidades de Alice, protagonista de *Quarenta dias*, de Maria Valéria Rezende.

O processo de escrita de Alice não pode ser reduzido à mera descrição ou relato, uma vez que esse contato mais direto com as palavras possibilita-lhe a superação da dor de ser objetificada e lhe constitui como representação de mulher-sujeito com autoridade e domínio sobre a vida. É por meio do ato de escrever que a personagem organiza os acontecimentos vividos e percebe que destoar do padrão não é algo negativo. Como a própria personagem-narradora pontua, a escrita funciona como uma espécie de remédio que lhe permite superar a raiva e o desgosto e se (re)estabelecer nesse novo contexto.

A escrita para essa complexa personagem apresenta muitas nuances, perpassando o desabafo e percorrendo a construção. Esses momentos do ato de escrever permitem acompanhar a evolução da protagonista-narradora e como ela concebe o processo a partir de seu olhar, que, por sua vez, é moldado a partir de suas transformações. A visão dessa nova descoberta, que é a escrita, pode ser encarada como uma significação sobre a nova personalidade da professora, que, agora, segura de si mesma como sujeito, tenciona buscar novas experiências e realizar-se de novas formas.

Referências

ARAÚJO, Pedro Galas. *Trato desfeito: o revés autobiográfico na literatura contemporânea brasileira*. 2011. 107 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Literatura, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/9975/1/2011_PedroGalasAraujo.pdf. Acesso em: 22 maio 2019.

BHABHA, Homi K. *The right to narrate*. 2014. Disponível em: <http://www.harvarddesignmagazine.org/issues/38/the-right-to-narrate>. Acesso em: 25 fev. 2019.

BRANDÃO, Ruth Silviano. *A vida escrita*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade e política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 144-162.

GUSDORF, George. *Les écritures du moi*. I. – *Lingues de vie*. Paris, Odile Jacob, 1991.

MOREIRA, Nadilza Martins Barros. *A condição feminina revisitada: Júlia Lopes de Almeida e Kate Chopin*. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2003. 202 p.

RAGO, Margareth. *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

REZENDE, Maria Valéria. *Quarenta dias*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2016.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Recortes de uma história: a construção de um fazer/saber. In: RAMALHO, Christina (org.). *Literatura e feminismos: propostas teóricas e reflexões críticas*. Rio de Janeiro: Elo, 1999. p. 23-40.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Prefácio - Viver no feminino: uma mais sete histórias de vida. In: RAGO, Margareth. *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*. Campinas: Editora da Unicamp, 2014. p. 13-21.

SHOWALTER, Elaine. *A literature of their own: British women novelists from Brontë to Lessing*. New Jersey: Princeton UP, 1985.

TOURAINÉ, Alain. *O mundo das mulheres*. Tradução Francisco Morás. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica feminista. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009. p. 217-242.

ZOLIN, Lúcia Osana. Literatura de autoria feminina. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 4. ed. Maringá: Eduem, 2019. p. 319-330.